



DOCTRINA

NOVAS PERSPECTIVAS PARA O TRABALHO NO MUNDO PÓS-PANDEMIA

Luiz Antonio M. Vidigal¹

Erotilde Ribeiro dos Santos Minharro²

“Sete anos vindouros de muita fartura chegarão e abençoarão toda a terra do Egito. Entretanto, em seguida virão sete anos de fome. Então, todo o tempo de abundância será esquecido, porquanto a fome arruinará a terra. A fome que se abaterá depois dos bons anos será tão severa que o tempo de abundância não será mais lembrado sobre a terra. O sonho veio ao Faraó duas vezes para deixar claro que Deus já se decidiu por assim agir e se apressa em realizar o que determinou” (Gênesis 41).

SUMÁRIO: Introdução. 1- Crise econômica, crise pandêmica e desigualdade social. 2- A lógica do imponderável e os efeitos da crise sanitária no mercado de trabalho. 3- O trabalho no mundo pós-pandêmico. Considerações finais. Referências bibliográficas.

Introdução

Santo Agostinho, em *Confissões*³, conjectura sobre o tempo e

1 Presidente do TRT-2 eleito para o biênio 2020/2022.

2 Juíza auxiliar da Presidência do TRT-2 para o biênio 2020/2022.

3 Qualquer que seja a natureza dessa misteriosa previsão do futuro, não podemos ver senão o que existe. Mas o que existe não é futuro, e sim presente. Por conseguinte, quando dizemos que vemos o futuro, não se veem os próprios acontecimentos ainda inexistentes, — isto é, o futuro, —

como – eventualmente – seria possível prever fatos que ainda não aconteceram. E conclui que, para antever o que está por vir, basta analisar fatos presentes, “que existem e que vemos”.

Assim, por exemplo, se alguém esbarra numa taça de cristal e esta se precipita em direção ao chão, é possível prever que – ante sua fragilidade – o cristal não resistirá à queda. Pode-se, pois, intuir o que ocorrerá com o referido objeto porque há na memória a experiência de tempos passados (anteriormente, todas as vezes que uma taça de cristal caiu ao chão, quebrou-se), a visão do tempo presente (a taça está caindo) e a espera do tempo futuro (a taça se chocará fortemente contra o chão)⁴, este conjunto de situações possibilita prever que a taça se quebrará tão logo atinja o solo. Não se trata de exercício de adivinhação, mas de lógica.

Falar sobre as novas perspectivas para o trabalho no mundo pós-pandemia significa analisar fatos passados, que ficaram gravados na história e, por isso mesmo, de fácil aferição e, observar fatos presentes, que vivenciamos no nosso dia a dia e, em razão disso, de compreensível detecção, para – com base em situações concretas, que existem e que vemos – estabelecer prognósticos.

A pandemia da Covid-19 aprofundou a crise econômica que já se avizinhava em nosso país e em boa parte do mundo. Chegou forte e inesperadamente, apanhando a todos de surpresa, sem que houvesse tempo hábil para se pensar em soluções de transição. Empresas e trabalhadores tiveram que se adaptar literalmente de um dia para o outro a uma nova realidade. Todos viram-se atingidos de surpresa por uma situação incomum. Todos foram tirados da trajetória em que se encontravam e foram lançados à própria sorte para enfrentar situações inéditas – muitas das quais bastante deletérias.

mas sim as causas ou os sinais precursores que já existem. Portanto, para quem vê, não se trata do futuro, mas do presente, do qual é tirada a predição de um futuro concebido na mente. Por sua vez, essas imagens já existem, e aqueles que fazem predições as veem presentes diante de si. Tomemos um exemplo entre muitos possíveis. Vejo a aurora e posso prever que o sol está para surgir. O fenômeno que observo está presente, o que prevejo é futuro. Não é futuro o sol, que já existe, mas sim o seu surgimento, que ainda não se realizou. Todavia, se eu não tivesse no espírito uma imagem desse surgimento, como tenho no momento em que falo, não o poderia prever. No entanto, nem essa aurora que vejo, e que também precede o nascer do sol, nem a imagem dela são o próprio nascimento do sol: são dois os fatos presentes que vejo e que me servem para prever um acontecimento futuro. Portanto, o futuro ainda não existe. Se ainda não existe, não existe; e se não existe, de maneira nenhuma pode ser visto, mas podemos predizê-lo mediante os fatos presentes, que existem e que vemos. *In Confissões* – Santo Agostinho. São Paulo: Ed. Paulus, pp. 208/209.

4 Seria talvez mais justo dizer que os tempos são três, isto é, o presente dos fatos passados, o presente dos fatos presentes, o presente dos fatos futuros. E estes três tempos estão na mente e não os vejo em outro lugar. O presente do passado é a memória. O presente do presente é a visão. O presente do futuro é a espera. *In Confissões* – Santo Agostinho. São Paulo: Ed. Paulus, p. 209

Boaventura de Sousa Santos⁵ frisa que o mundo está em crise econômica desde a década de 1980 e que a atual crise sanitária traz uma situação – em suas palavras – duplamente anômala: uma crise de saúde pública, que se sobrepõe à crise preexistente da economia. O resultado desta equação é assustador.

Diz ele que “a ideia de crise permanente é um oxímoro, já que, no sentido etimológico, a crise é, por natureza, excepcional e passageira, e constitui a oportunidade para ser superada e dar origem a um melhor estado de coisas”.

No dicionário⁶, sob o aspecto econômico, o vocábulo crise aparece como sendo “o ponto de transição entre uma época de prosperidade e outra de depressão”. Assim, crise seria a consequência de fatores ou atitudes que superados ou resolvidos conduziram a uma situação melhor. Se o mundo evoluiu com o passar do tempo, foi graças à superação de diversas crises às quais a humanidade foi submetida.

Entretanto, o problema passa a ser grave e de difícil resolução, quando a crise deixa de ser uma tribulação temporária e passa a ser uma sucessão de acontecimentos negativos e prolongados no tempo.

A crise econômica que já existia mesmo antes do aparecimento do coronavírus é um exemplo de circunstância que a princípio parecia temporária, mas que já dura 40 anos.

O prolongamento dos maus resultados econômicos deixa de ser consequência de algum problema pontual experimentado pela sociedade e passa a ser a causa de uma série de outros. Assim é que, o desempenho pífio da economia passa a justificar a diminuição de investimentos do Estado na educação, na saúde, na moradia, na seguridade social, na geração de empregos e nos direitos sociais de forma geral⁷. Por isso, crises permanentes, ao contrário das temporárias, dificilmente são descritas como fator de superação e progresso e, via de regra, ampliam a desigualdade social.

Nas crises que se comportam como momentos ruins transitórios pode-se investigar suas causas e concentrar esforços para superá-las e, uma vez solucionadas as questões cruciais, todos saem da experiência

5 Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/boaventura-de-sousa-santos-a-cruel-pedagogia-do-virus/> Acesso em 19 de outubro de 2020.

6 Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=crise> Acesso em 19 de outubro de 2020.

7 Disponível em: <https://www.ababord.org/-Dossier-Apres-crise-ou-crise-> (*Une accumulation de la richesse sans croissance, entrevue avec Éric Pineault*). Acesso em 19 de outubro de 2020.

mais fortalecidos. É possível, só para ficarmos no exemplo do coronavírus, que após esta crise sanitária, várias vacinas sejam desenvolvidas e, em suas pesquisas, os cientistas descubram a cura e a prevenção de várias outras doenças além da Covid-19.

Ousaria dizer que as crises cíclicas sempre trazem pontos positivos, possibilitando ao ser humano experimentar momentos de superação e de acomodação.

Pretende-se com o presente estudo, tendo por base lembranças de fatos passados e vivências de fatos atuais, verificar se a crise gerada pela Covid-19 é transitória ou permanente e, a partir dessas premissas, verificar se há algum futuro possível para o trabalho no mundo pós-pandêmico.

1 - CRISE ECONÔMICA, CRISE PANDÊMICA E DESIGUALDADE SOCIAL

A Constituição Federal de 1988, estabeleceu que o Brasil é um Estado Democrático de Direito fundado dentre outros princípios, na dignidade da pessoa humana, no valor social do trabalho e na livre iniciativa. Convém frisar que a Carta Magna vigente alocou a ordem social no título que regula os direitos e garantias fundamentais do ser humano, o que demonstra a importância que se deve dar à questão social em nosso país.

A ordem econômica, constitucionalmente consagrada no [art. 170](#), tem como fundamentos a valorização do trabalho humano e a livre iniciativa. Além disso, tem por finalidade assegurar a todos existência digna, conforme os ditames da justiça social, observados os princípios da soberania nacional, da propriedade privada, da função social da propriedade, da livre concorrência, da defesa do consumidor e do meio ambiente.

Como se vê, o Constituinte deixa claro que o Brasil é um país capitalista que busca o nivelamento entre as questões sociais, econômicas e ambientais com fixação de limites em face do abuso do poder econômico. Em outras palavras, no Brasil, ao menos no plano constitucional, a economia se presta a bem servir o ser humano e, por isso, no embate entre o plano econômico e o social, este deve se sobrepor sobre aquele.

Entretanto, o setor financeiro pugna pela diminuição dos direitos sociais, sob o argumento de que são por demais onerosos, que a sua

restrição seria a única saída para impulsionar o desenvolvimento econômico e que seria preciso decidir entre a concessão de todos os direitos e o desemprego ou, a redução de direitos e o emprego.⁸

Com base nesta opção binária, de tudo ou nada, várias têm sido as reformas desestruturantes em nosso país, conduzindo-nos ao desmantelamento da rede de proteção social idealizada pela chamada Constituição Cidadã. Justamente quando os menos favorecidos mais necessitam de salvaguarda social este esteio vem sendo retirado, haja vista o advento da Lei 13.467/2017 e da Emenda Constitucional n. 103/2019.

A retirada do arcabouço jurídico protetivo tem como consequência o rebaixamento da qualidade de vida da população a patamares inferiores ao piso civilizatório básico. Vive-se num círculo vicioso no qual a crise econômica justifica a diminuição de direitos sociais e o aumento da carga tributária, e tais medidas ao serem implementadas, agudizam justamente os problemas econômicos.

A redução de garantias sociais e trabalhistas corrói o poder aquisitivo do cidadão que passa a consumir menos. Com a diminuição de seu mercado consumidor as pequenas e médias empresas que se dedicam ao mercado interno produzem ainda menos e, por isso, passam a não contratar; o desemprego faz aumentar o número de trabalhadores informais que, inseguros quanto ao próprio futuro, consomem apenas o essencial para manterem-se vivos.

Assim, há uma retroalimentação da miséria.

O cenário que já era desolador, simplesmente colapsou com a declaração de pandemia de Covid-19 pela Organização Mundial da Saúde, em 11 de março de 2020.

As pequenas empresas, que se ocupavam do fornecimento de produtos e serviços para mercados locais, sofreram duramente as consequências nefastas deste panorama.

No Brasil, de março a junho de 2020, cerca de 716.000 pequenas empresas suspenderam temporariamente ou encerraram definitivamente suas atividades.⁹

Estatísticas mostram que nosso país tem hoje cerca de 13 milhões de desempregados e 40 milhões de trabalhadores informais¹⁰.

8 Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/politica/bolsonaro-diz-que-sera-preciso-reduzir-direitos-trabalhistas-para-destravar-economia/>. Acesso em 20 de outubro de 2020.

9 Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-07-19/716000-empresas-fecharam-as-portas-desde-o-inicio-da-pandemia-no-brasil-segundo-o-ibge.html>. Acesso em 21 de outubro de 2020.

10 Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/noticias/enquanto-grandes-empresas-lucram-na->

As crises econômica e sanitária sobrepostas amplificaram as adversidades e empurraram nosso país novamente para o “Mapa da Fome”, de onde havia saído em 2014:

No Brasil, a estimativa é de que cerca de 5,4 milhões de pessoas – a população da Noruega – passem para a extrema pobreza em razão da pandemia. O total chegaria a quase 14,7 milhões até o fim de 2020, ou 7% da população, segundo estudos do Banco Mundial.¹¹

Em contrapartida, as indústrias de tecnologia, de comércio digital, farmacêuticas e alimentícias tiveram receitas recordes e viram o valor de suas ações crescerem vertiginosamente no mercado financeiro ante o impulso que a pandemia lhes proporcionou.¹²

As chamadas *big techs* ou *GAFAs* (principais empresas de tecnologia do mundo) experimentaram crescimento de até três dígitos de lucro no trimestre de julho/agosto/setembro de 2020.¹³

Ao lado delas, também encontram-se em franco crescimento as *Fintechs* e as *Insurtechs*.

As primeiras, criam modelos de negócios que fornecem serviços financeiros por meio de softwares, aplicativos e outros recursos tecnológicos. As facilidades e vantagens trazidas pela inovação nessa área agitaram instituições tradicionais, como os bancos, que se apressaram em assimilar parte desta tecnologia e colocar aplicativos práticos e ágeis a serviço de seus clientes. Por isso que, em plena pandemia incrementaram-se inovações como o *open banking* e o pagamento instantâneo (PIX).¹⁴

O *open banking* permite que os clientes tenham acesso a seu próprio histórico financeiro e possam compartilhá-lo com outras instituições controladas pelo Banco Central para – desse modo – obter vantagens concorrenciais.¹⁵

-pandemia-os-mais-pobres-pagam-o-preco/ Acesso em 21 de outubro de 2020.

11 Disponível em: <https://exame.com/brasil/brasil-esta-voltando-ao-mapa-da-fome-diz-diretor-da-onu/> Acesso em 21 de outubro de 2020.

12 Disponível em: <https://exame.com/videos/examinando/examinando-crise-para-quem-setores-que-lucram-durante-a-pandemia/> Acesso em 21 de outubro de 2020.

13 Disponível em: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2020/10/29/big-techs-tem-lucros-bilionarios-na-pandemia.ghtml/> Acesso em 21 de outubro de 2020.

14 Disponível em: <https://fintechs.com.br/> Acesso em 21 de outubro de 2020.

15 Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/o-open-banking-esta-pronto-e-deve-revolucionar-o-sistema-bancario/> Acesso em 21 de outubro de 2020.

Ao tratar da questão da Revolução Digital no Sistema Financeiro, o economista Murilo Portugal Filho vaticina que:

A inovação está no DNA do setor bancário brasileiro, mas os êxitos do passado não garantem o futuro. As *Fintechs vieram* para ficar e, cada vez mais, exigirão que os bancos incumbentes emulem a agilidade e a simplicidade dessas *startups*. (...) ¹⁶

Como se vê, o setor bancário é mais um exemplo de atividade econômica que não pode reclamar da crise sanitária.

Há, ainda, as chamadas *insurtechs* que são startups que desenvolvem e aplicam tecnologia no mercado de seguros visando a desburocratizar os processos e a obter rápidas informações sobre sinistros. São utilizadas plataformas de comparação de preços e inteligência artificial na análise de dados para as vistorias de carros. As *insurtechs* também elaboraram a ideia dos ciberseguros ou seguros cibernéticos digitais que protegem empresas e pessoas contra ataques de *hackers* e dão cobertura para eventuais violações às normas legais relativas à proteção de dados. ¹⁷

Em nosso país, com o crescimento do trabalho online e com a entrada em vigor da Lei Geral de Proteção a Dados Pessoais o setor de seguros adaptou-se às novas demandas e criou produtos desenhados para este segmento, tais como cobertura para casos de violação de privacidade e de confidencialidade; cobertura para Segurança de Rede; responsabilidade de mídia; custos de gerenciamento de crise, dentre outros.

O aumento da lucratividade das grandes corporações mundiais após o aparecimento do coronavírus não decorreu apenas do uso maciço de tecnologia de ponta em suas operações. Estudos demonstram que, durante o distanciamento social, as empresas que mais enriqueceram foram as que priorizaram as vantagens econômicas em detrimento da segurança dos trabalhadores. Isso se deu, por exemplo, nas indústrias frigoríficas que, para não diminuir a produção, não adotaram – de imediato – as medidas básicas de proteção aos trabalhadores impostas pelas autoridades sanitárias. ¹⁸

Constata-se, portanto, que a pandemia ao mesmo tempo que

16 Disponível em: <https://www.mckinsey.com/br/our-insights/o-futuro-do-setor-bancario-brasileiro#> Acesso em 21 de outubro de 2020.

17 Disponível em: <https://fintechs.com.br/> Acesso em 21 de outubro de 2020.

18 Disponível em: <https://apublica.org/2020/06/como-frigorificos-propagaram-o-coronavirus-em-pequenas-cidades-do-pais/> Acesso em 21 de outubro de 2020.

impulsionou o desenvolvimento de novas tecnologias, antecipando soluções de inteligência artificial e ampliando a lucratividade das grandes corporações, também aprofundou a pobreza.

Segundo a ONU, dados do Banco Mundial revelam que a pobreza extrema aumentou pela primeira vez em vinte anos em razão da pandemia por Covid-19. Considera-se em pobreza extrema a pessoa que não tem nem ao menos US\$ 1,90 por dia para viver. Relata, ainda, que dentre os novos pobres do mundo, 82% vivem em países considerados de média renda, como o Brasil.¹⁹

Este é o retrato da economia do ano de 2020, alguns poucos ricos enriqueceram ainda mais e a maior parte da população empobreceu a ponto de ficar abaixo da linha de pobreza, em um patamar que a ONU denomina de pobreza extrema. Em outras palavras, a crise sanitária fez aumentar ainda mais a desigualdade social no Brasil²⁰ e no mundo.

2 - A LÓGICA DO IMPONDERÁVEL E OS EFEITOS DA CRISE SANITÁRIA NO MERCADO DE TRABALHO

Nassim Nicholas Taleb, para explicar a importância do imponderável na vida das pessoas, desenvolveu uma teoria chamada a “lógica do Cisne Negro”.

Narra que por muito tempo, na Europa, acreditava-se que no mundo só havia cisnes brancos, até que o inesperado aconteceu quando os primeiros europeus aportaram na Austrália e descobriram a existência de cisnes negros.

Para o economista, este fato ilustra que nossas projeções, baseadas na observação de fatos passados e de fatos presentes, nem sempre levarão a um resultado correto, porque estes prognósticos podem ser infirmados por algum acontecimento inesperado, ou seja, que esteja “fora do âmbito das expectativas comuns, já que nada no passado poderia apontar convincentemente para a sua possibilidade”, que cause impacto extremo e que – após sua ocorrência – as pessoas desenvolvam explicações plausíveis. Resumidamente, certos prognósticos não se confirmam se a trajetória dos acontecimentos for desviada por algum

19 Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/10/1728962> Acesso em 21 de outubro de 2020.

20 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/em-quarentena-72-dos-moradores-de-favelas-tem-padrao-de-vida-rebaixado.shtml> Acesso em 21 de outubro de 2020.

fato raro, de impacto extremo e de previsibilidade retrospectiva (nunca prospectiva), afinal de contas, na maior parte das vezes os fatos da vida não são lineares.²¹

Muito embora o próprio Taleb não enxergue na pandemia do coronavírus um acontecimento raro e imprevisível²², o fato é que a última pandemia pela qual o mundo passou – gripe espanhola – ocorreu há mais de cem anos.

Por esta razão, a maior parte das pessoas vê o momento atual como uma situação rara, de impacto extremo e de previsibilidade retrospectiva (hoje é possível olhar para trás e ver que a circulação globalizada de pessoas, animais e coisas, mais cedo ou mais tarde nos conduziria a uma pandemia), porém até janeiro de 2020 ninguém diria que isso efetivamente aconteceria.

Estamos diante de uma situação fática que alterou completamente a trajetória dos prognósticos socioeconômicos que vinham sendo desenhados até então.

Desse modo, o surgimento da Covid-19 criou uma perspectiva altamente incerta para o mercado de trabalho, acelerou muitas das inovações que estavam sendo preparadas para serem implantadas apenas daqui alguns anos e tornou obsoletas diversas atividades humanas.

Quando se faz um recorte para analisar a situação da mulher no mercado de trabalho pós-pandemia, verifica-se que a condição desta é mais alarmante que a do gênero masculino. O Secretário-Geral da ONU, António Guterres, afirmou que apesar de todo o ativismo pela igualdade de oportunidade no trabalho e da existência de várias normas sobre o assunto, as mulheres ainda ganham menos de 80 centavos para cada dólar recebido por homens e que o valor diminui quando elas têm filhos, são negras, refugiadas ou possuem deficiência²³.

Segundo dados fornecidos pelo Fórum Econômico Mundial²⁴, a automação e a antecipação da aplicação de novas tecnologias no ambiente de trabalho resultará na eliminação de 85 milhões de empregos

21 TALEB, Nassim Nicholas Taleb. *A lógica do Cisne Negro: o impacto do altamente improvável*. - Rio de Janeiro: Best Seller, 2015.

22 Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/educacao-financeira/noticia/2020/07/17/pandemia-nao-foi-cisne-negro-poss-poderia-ter-sido-prevista-diz-escritor-nassim-taleb.ghtml> Acesso em 22 de outubro de 2020.

23 Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/09/1726592> Acesso em 22 de outubro de 2020.

24 Disponível em: http://www3.weforum.org/docs/WEF_Future_of_Jobs_2020.pdf Acesso em 22 de outubro de 2020.

nos próximos cinco anos. Trata-se, em sua maioria, de trabalhos repetitivos, perigosos, penosos e insalubres. Em contrapartida, serão criadas 97 milhões de vagas, estas – porém – em atividades intelectivas.

O grande desafio será qualificar a mão de obra impactada pela eliminação de seus postos de trabalho, para que possam ocupar as atividades que exijam maior nível educacional e intelectual, já que todos os setores da economia demandarão que os trabalhadores tenham pensamento analítico-crítico, bem como habilidade para solucionar problemas complexos. É preciso que os Estados invistam em educação de qualidade para preparar os cidadãos a assumir funções com tamanho grau de exigência.

Segundo o Fórum Econômico Mundial de setembro de 2020, em 2025, a participação de trabalhadores e máquinas no mercado de trabalho estará estatisticamente empatada, incumbindo aos seres humanos 53% das atividades laborativas, contra 47% dos trabalhos para as máquinas²⁵.

No Brasil, estarão em ascensão profissões ligadas à tecnologia da informação e comunicação, tais como especialista em inteligência artificial, analistas e cientistas de dados, especialistas em internet das coisas, especialistas em transformação digital, especialistas em *big data*, especialistas em marketing digital e estratégia, especialistas em processos de automação e inteligência emocional. Por outro lado, estariam em declínio, serviços ligados à escrituração e folha de pagamento, processamento de dados, à linha de montagem nas fábricas, mecânicos de máquinas e secretários-executivos.²⁶

Ocorre que, ao mesmo tempo que as atividades online e relacionadas à informatização estão em crescimento, o Brasil encontra-se apenas em 34º lugar em inclusão digital, 46º em infraestrutura digital e 77º em alfabetização digital, quanto a este último item, nosso país está atrás de países como a Argentina (25º), Peru (47º), Paraguai 52º, Bangladesh (69º) e Vietnã (72º).²⁷ Estes dados afetam o acesso dos cidadãos à educação e ao mercado de trabalho, especialmente durante o distanciamento social imposto pela crise da Covid-19.

25 Disponível em: http://www3.weforum.org/docs/WEF_Future_of_Jobs_2020.pdf Acesso em 23 de outubro de 2020.

26 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/10/pandemia-acelera-automacao-do-trabalho-que-eliminara-85-milhoes-de-vagas-ate-2025.shtml> Acesso em 23 de outubro de 2020.

27 Disponível em: <https://theinclusiveinternet.eiu.com/explore/countries/BR/performance/indicators/overall> Acesso em 23 de outubro de 2020.

Durante o ano de 2020 a solução encontrada para que os alunos continuassem a frequentar as escolas, foi a adoção de aulas online à distância. Ocorre que a população menos favorecida não tem acesso a meios digitais, como celulares, computadores, redes de WI-FI ou linhas 4G. Os discentes que possuem referidos acessos prosseguiram em seus estudos, ao passo que aqueles alijados destes meios, ou interromperam seu processo de escolarização ou continuaram estudando apenas pelo material didático impresso entregue pelas instituições de ensino.

Na concorrência por um emprego, aqueles que foram excluídos do mundo digital também estarão fora do mercado de trabalho, razão pela qual o prognóstico é de que a disparidade social tende a aumentar nos próximos anos.

3 - O TRABALHO NO MUNDO PÓS-PANDÊMICO

O relatório *Future Jobs* elaborado pelo Fórum Econômico Mundial²⁸ mapeou as tendências profissionais e as habilidades necessárias para se obter trabalho após o término da crise sanitária provocada pelo coronavírus.

A pandemia de Covid-19, ao impor o distanciamento social, agravou ainda mais a crise econômica que já existia e antecipou de forma drástica a robotização e a informatização de diversas empresas.

As mais analógicas, que ainda não estavam amadurecidas para o mundo digital, foram as que mais sofreram, sendo que algumas nem ao menos conseguiram sobreviver à estagnação que se seguiu à imposição do fechamento das atividades econômicas.

Outras, apenas transpuseram para o computador o modelo que adotavam fisicamente, tornaram-se – pois – empresas digitalizadas. Tais empresas não utilizam a lógica digital em seu processo produtivo, continuam a usar a lógica clássica e linear que era utilizada no meio físico. Empresas que apenas fotografaram seus produtos e os colocaram à venda em plataformas digitais ou redes sociais não podem ser consideradas empresas digitais, são somente empresas digitalizadas.

Por fim, há empresas que estavam preparadas para ingressar no mundo da tecnologia da informação e da comunicação, já utilizavam a lógica em rede do mundo digital, por isso, tiveram mais facilidade para progredir em um período em que muitos sucumbiram. Na era digital,

28 Disponível em: http://www3.weforum.org/docs/WEF_Future_of_Jobs_2020.pdf Acesso em 23 de outubro de 2020.

os processos não são lineares, ao contrário, são conectados em rede, multidisciplinares e imprevisíveis.²⁹

Dentre os profissionais também é possível perceber que houve uma divisão entre eles no que diz respeito às realidades enfrentadas durante a pandemia e as expectativas para o período pós-pandêmico³⁰.

Os que possuem empregos mais qualificados puderam trabalhar remotamente, não sofreram redução salarial e não viram seus empregos ameaçados. São os chamados “zoomers”. No pós-pandemia terão apenas que se adaptar a realizar suas tarefas primordialmente por meios telemáticos e digitais.

Há ainda os trabalhadores que, mesmo antes da crise sanitária, possuíam baixos salários e poucas expectativas profissionais. Para este grupo, a pandemia não só acabou com o emprego que tinham, mas retirou-lhes também a possibilidade de trabalhos futuros. Os pertencentes a esta categoria, que tiveram sorte de não serem despedidos, não puderam salvar a própria saúde, porque não puderam se afastar do trabalho, expondo-se ao vírus seja no ambiente laboral, seja no transporte público. Atualmente até contam com o auxílio emergencial do governo, mas este é provisório e em breve será cortado. Estão fadados a subempregos, trabalhos eventuais e dificuldades financeiras. São os chamados “zeros”, por uma analogia ao contrato de zero horas (“zero hour”, como é conhecido o contrato intermitente no Reino Unido)³¹.

A terceira subdivisão refere-se aos jovens (chamados de “GenZ”) trabalhadores que já estavam em idade laborativa, mas ainda não tinham conseguido se inserir no mundo do trabalho ou estavam apenas iniciando sua vida profissional quando do advento da crise pandêmica. Estes sofrerão grande dificuldade em concorrer neste mercado, ante a falta de experiência, com consequências que podem perdurar até 2030.³²

Logo, mesmo que se encontre rapidamente uma vacina contra a Covid-19, os efeitos negativos desta crise sanitária já se projetam pelo

29 Disponível em: <https://www.fenae.org.br/portal/fenae-portal/noticias/mundo-contemporaneo-exige-constantes-ciclos-de-aprendizagem-alerta-futurista-empresendedor.htm> Acesso em 23 de outubro de 2020.

30 Disponível em: <https://google-ml.blogspot.com/2020/05/zoomers-zeros-and-gen-z-eco-nomist-plus.html> Acesso em 23 de outubro de 2020.

31 Disponível em: <https://google-ml.blogspot.com/2020/05/zoomers-zeros-and-gen-z-eco-nomist-plus.html> Acesso em 23 de outubro de 2020.

32 Disponível em: <https://google-ml.blogspot.com/2020/05/zoomers-zeros-and-gen-z-eco-nomist-plus.html> Acesso em 23 de outubro de 2020.

menos para os próximos dez anos, o que denota que não se trata de um problema transitório de fácil resolução e que fará com que todos saiam fortalecidos. Trata-se de uma crise que ainda perdurará um bom tempo e que atingirá justamente os mais vulneráveis: mulheres, minorias étnicas, jovens ingressantes no mercado de trabalho e os trabalhadores mais mal remunerados.

O profissional que quiser sobreviver no mundo do trabalho após a pandemia gerada pelo coronavírus deverá se adaptar rapidamente às mudanças já efetivadas e àquelas que estão por vir.

A primeira grande adaptação diz respeito à forma como o trabalhador se atualiza profissionalmente, ele deverá estar disposto a se aperfeiçoar constantemente (*lifelong learning*).

A segunda adaptação refere-se ao trabalho virtual, o trabalhador deverá estar disposto a trabalhar remotamente e às vezes, de forma híbrida. O incremento do teletrabalho mudará a paisagem urbana, já que não haverá mais tanta necessidade de os trabalhadores se deslocarem para os grandes centros. Com isso, os meios de transporte e o trânsito tendem a ficar menos caóticos.

A terceira adaptação refere-se à capacidade de o trabalhador ser multifuncional, para atender às expectativas de empresas que atuam em seus diversos segmentos econômicos.

Os trabalhadores menos qualificados estarão sujeitos aos reflexos da *gig economy*³³ e da precarização do trabalho. Além do que, mencionados profissionais correm sérios riscos de serem substituídos por máquinas. Exemplificativamente, em um futuro breve os motoristas por aplicativo podem perder seus postos quando entrarem no mercado os veículos autodirigíveis.

Paralelamente, já é possível encontrar no LinkedIn atividades que não existiam anos atrás, mas que foram criadas graças ao uso da tecnologia, da inteligência artificial e das redes sociais. Tem-se, por exemplo, o *trafficker*, encarregado de implementar, gerenciar e controlar o tráfego de uma página na *web*. Há, ainda, o especialista de usabilidade, profissional que faz análises para verificar quais melhorias os clientes da empresa pretendem ver em seus sites. Pode-se mencionar, também, o analista de inteligência competitiva,

33 A expressão *gig economy* pode ser traduzida como formas alternativas de trabalho, que vão desde a prestação de serviços por aplicativos até trabalhos sob demanda, como os dos *freelancers*. Os trabalhadores são pagos separadamente e o trabalho não é fixo (Uber, workana, voiceBunny e Crows, são alguns exemplos). In <https://blog.runrun.it/gig-economy/#a>.

pessoa responsável por fornecer dados, análises e recomendações consistentes para que os gestores da empresa possam tomar suas decisões.

Para o LinkedIn, as duas profissões tidas como as mais emergentes hoje em dia são: especialista em gestor de mídias sociais e engenheiro de cibersegurança³⁴.

Em suma, os trabalhadores mais qualificados apenas farão algumas adaptações em sua vida profissional ou migrarão para as atividades que envolvem o conhecimento de alta tecnologia. Os menos qualificados, entretanto, tendem a ficar em atividades precarizadas e que, em breve, serão substituídas pela automação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Homem deve estar a serviço da economia ou a economia deve estar a serviço do Homem?

Nos últimos tempos, a globalização, a informatização e a busca por maiores e melhores empreendimentos fez com que muitos colocassem a economia em primeiro lugar, em detrimento do bem-estar do ser humano.

A desregulamentação dos direitos trabalhistas passou a ser a grande meta do setor financeiro, tanto no Brasil como no resto do mundo. Diversos países já efetivaram alterações legislativas para diminuir direitos dos trabalhadores e enfraquecer os sindicatos, porém nenhuma destas medidas obteve êxito em ampliar os indicadores econômicos ou aumentar os postos de trabalho formais.

Reformas precarizantes em busca de otimização de lucros não geram outra coisa senão o aprofundamento das desigualdades sociais.

Em meio a este cenário por si só já bastante desafiador, surgiu a pandemia gerada pela Covid-19.

O primeiro escopo deste estudo era saber se a crise gerada pelo coronavírus será transitória ou permanente.

Dados estatísticos apontados no presente artigo levam a concluir que, mesmo que a vacina contra a Covid-19 comece a ser aplicada agora, a pandemia agravou a crise econômica já existente e irradiará seus efeitos negativos por muitas gerações.

A crise sanitária impôs o distanciamento social e acelerou a

34 Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2020/01/09/levantamento-do-linkedin-mostra-15-profissoes-em-alta-para-2020.ghtml>

automação e a informatização de escolas e de empresas, deslocando estudo e trabalho para plataformas digitais.

A migração das escolas do modo analógico de ensinar para o modo informatizado, retirou dos mais vulneráveis a possibilidade de amplo acesso à educação. Desprovidos dos equipamentos e meios necessários para atuar no mundo digital (celulares, computadores, tecnologia 4G, WI-FI etc) não conseguem participar das aulas ministradas virtualmente. Logo, esta parcela importante da população ficou excluída da educação formal e, conseqüentemente, ficou mais distante a possibilidade de serem digitalmente alfabetizados.

As empresas que já vinham se preparando para a chamada 4ª Revolução Industrial aceleraram o processo, e com o uso da inovação, da automação, da inteligência artificial e de inúmeros outros recursos tecnológicos alavancaram seus lucros e criaram novos tipos de atividades, todas com elevado nível de exigência quanto à qualificação.

Assim, aqueles que não tiveram acesso à escola e à inclusão digital tampouco terão alguma possibilidade de concorrer a alguma vaga nesse novo cenário do mercado de trabalho.

Logo, essa crise tem grande potencial de surtir efeitos negativos permanentes aos mais vulneráveis: mulheres, minorias étnicas, jovens ingressantes no mercado de trabalho e os trabalhadores com menor remuneração.

Respondida, pois a primeira indagação. Passa-se à segunda: há algum futuro possível para o trabalho no mundo pós-pandemia?

Conforme relatado no decorrer deste artigo, a inovação tecnológica tem impulsionado o surgimento de inúmeras profissões novas diretamente ligadas às redes sociais, segurança digital e informática em geral. Então, muito embora sejam fechados inúmeros postos de trabalho, estes serão substituídos por outros, mais complexos, que – por serem de difícil compreensão – exigem mão de obra altamente capacitada.

Existe sim, futuro para o trabalho, mas o tipo de trabalho do futuro exigirá qualificação constante (*lifelong learning*) e alto nível de escolaridade.

Sobram para a camada populacional com menos acesso à educação e à inclusão digital os trabalhos precarizados, repetitivos e menos qualificados que fatalmente serão substituídos pela automação e pela inteligência artificial. Quando esta migração chegar, estes trabalhadores ficarão ao total desamparo.

Ao olhar os fatos passados e os fatos presentes, relativamente ao

impacto da crise sanitária no mercado de trabalho, constata-se que o período pós-pandêmico não descreve uma trajetória promissora.

Voltando à metáfora introdutória, da taça de cristal, percebe-se que o trabalho formal com toda sua fragilidade está caindo e não tarda a chocar-se fortemente contra o chão, aumentando a desigualdade social no país.

Entretanto, é possível alterar este estado de coisas e evitar que o choque aconteça (lógica do imponderável).

Para isso precisamos voltar nossos olhos para os princípios insculpidos na Constituição Federal de 1988 e lembrar que no plano constitucional brasileiro o poder econômico tem como limite a dignidade da pessoa humana, que a Ordem Econômica também exerce função social e que no embate entre a Ordem Econômica e a Ordem Social, esta última deve prevalecer.

Nas últimas crises, quando a Ordem Econômica viu-se fortemente em queda, a “mão invisível” do Estado (e não do mercado) apressou-se em ser uma rede de proteção e evitou que o mundo vivesse uma nova “quebra”, como a ocorrida em 1929.

A reciprocidade deve ser verdadeira. Agora que a Ordem Social está em queda, o mercado (ora representado pelas empresas que lucraram durante a pandemia) deveria auxiliar o Estado a ser a “mão invisível” que apoiaria os mais vulneráveis a se inserirem no mundo digital e a se capacitarem para os trabalhos mais complexos que surgiram com a automação.

Concertação social – Estado, trabalhadores, empregadores e sindicatos juntos apoiando uns aos outros – numa rede de proteção para que todos saiam ilesos desta situação difícil pela qual o mundo vem passando.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Ed. Paulus, pp. 208/209.

Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/boaventura-de-sousa-santos-a-cruel-pedagogia-do-virus>. Acesso em 19 de outubro de 2020.

Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=crise> Acesso em 19 de outubro de 2020.

Disponível em: [https://www.ababord.org/-Dossier-Apres-crise-ou-crise- \(Une accumulation de la richesse sans croissance, entrevue avec Éric Pineault\).](https://www.ababord.org/-Dossier-Apres-crise-ou-crise- (Une accumulation de la richesse sans croissance, entrevue avec Éric Pineault).) Acesso em 19 de outubro de 2020.

Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/politica/bolsonaro-diz-que-sera-preciso-reduzir-direitos-trabalhistas-para-destravar-economia/> Acesso em 20 de outubro de 2020.

Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-07-19/716000-empresas-fecharam-as-portas-desde-o-inicio-da-pandemia-no-brasil-segundo-o-ibge.html>. Acesso em 21 de outubro de 2020.

Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/noticias/enquanto-grandes-empresas-lucram-na-pandemia-os-mais-pobres-pagam-o-preco/> Acesso em 21 de outubro de 2020.

Disponível em: <https://exame.com/brasil/brasil-esta-voltando-ao-mapa-da-fome-diz-diretor-da-onu/> Acesso em 21 de outubro de 2020.

Disponível em: <https://exame.com/videos/examinando/examinando-crise-para-quem-setores-que-lucram-durante-a-pandemia/> Acesso em 21 de outubro de 2020.

Disponível em: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2020/10/29/big-techs-tem-lucros-bilionarios-na-pandemia.ghtml>. Acesso em 21 de outubro de 2020.

Disponível em: <https://fintechs.com.br/> Acesso em 21 de outubro de 2020.

Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/o-open-banking-esta-pronto-e-deve-revolucionar-o-sistema-bancario/> Acesso em 21 de outubro de 2020.

Disponível em: <https://www.mckinsey.com/br/our-insights/o-futuro-do-setor-bancario-brasileiro#> Acesso em 21 de outubro de 2020.

Disponível em: <https://apublica.org/2020/06/como-frigorificos-propagaram-o-coronavirus-em-pequenas-cidades-do-pais/> Acesso em 21 de outubro de 2020.

Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/10/1728962> Acesso em 21 de outubro de 2020.

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/em-quarentena-72-dos-moradores-de-favelas-tem-padrão-de-vida-rebaixado.shtml> Acesso em 21 de outubro de 2020.

TALEB. Nassim Nicholas Taleb. *A lógica do Cisne Negro: o impacto do altamente improvável*. - Rio de Janeiro: Best Seller, 2015.

Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/educacao-financieira/noticia/2020/07/17/pandemia-nao-foi-cisne-negro-pois-poderia-ter-sido-prevista-diz-escritor-nassim-taleb.ghtml> Acesso em 22 de outubro de 2020.

Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/09/1726592> Acesso em 22 de outubro de 2020.

Disponível em: http://www3.weforum.org/docs/WEF_Future_of_Jobs_2020.pdf Acesso em 22 de outubro de 2020.

Disponível em: http://www3.weforum.org/docs/WEF_Future_of_Jobs_2020.pdf Acesso em 23 de outubro de 2020.

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/10/pandemia-acelera-automacao-do-trabalho-que-eliminara-85-milhoes-de-vagas-ate-2025.shtml> Acesso em 23 de outubro de 2020.

Disponível em: <https://theinclusiveinternet.eiu.com/explore/countries/BR/performance/indicators/overall> Acesso em 23 de outubro de 2020.

Disponível em: <https://www.fenae.org.br/portal/fenae-portal/noticias/mundo-contemporaneo-exige-constantes-ciclos-de-aprendizagem-alerta-futurista-empreendedor.htm> Acesso em 23 de outubro de 2020.

Disponível em: <https://google-ml.blogspot.com/2020/05/zoomers-zeros-and-gen-z-economist-plus.html> Acesso em 23 de outubro de 2020.